

## ANEXO 5 – PERFIL 4.1.5.

### Plano de Trabalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA  
PLANO DE TRABALHO APRESENTADO COMO REQUISITO DO EDITAL n. 7,  
de 9 de outubro de 2018 (pesquisadora-extensionista no projeto “Cidadania em  
Ação”, conforme).  
PROPONENTE: Edlaine de Campos Gomes.

#### Introdução

O projeto Cidadania em Ação visa “democratizar o acesso a prática de atividades físicas, esportivas, culturais e de lazer, envolvendo beneficiários a partir de 6 anos de idade, prioritariamente em risco social, inclusive pessoas com deficiência, estimulando a convivência comunitária e a promoção social, através de seus núcleos descentralizados no Estado do Rio de Janeiro” (Anexo 1: 5). Pretende-se com este plano de trabalho realizar pesquisa que se coadune com os objetivos propostos, em particular, os atinentes à área de atividades culturais e de lazer, fundada na perspectiva teórica-metodológica da Antropologia. Temas como cultura, corpo, técnicas corporais, sociabilidade, diversidade, movimento e criatividade, estão no escopo dos debates antropológicos.

Na sociedade ocidental moderna considera-se que o corpo está naturalmente associado à identidade individual. Conseqüentemente, a personalidade jurídica se baseia em marcadores físicos, considerados singulares, como a impressão digital ou os códigos genéticos (Carrara, 2012: 521). Desde o século XIX entende-se que é sobre a materialidade corporal que a vida flui, assim como incidem alterações que ameaçam o fluxo vital, como doenças e acidentes. Geralmente há uma tendência a achar que todos os seres humanos possuem as mesmas percepções dos próprios corpos. Mais do que isso, muitas vezes parte-se do pressuposto de que as sensações corporais também são universais. Tais noções são hegemônicas, e orientam o senso comum.

A literatura antropológica evidencia as diferenças em relação às sensações corporais, aos modos de uso do corpo e aos significados associados ao corpo, vida, reciprocidade, transmissão e identidade individual e coletiva. A abordagem funda-se na construção sociocultural do homem e dos diferentes modos de relação no mundo. Tal posicionamento implica na leitura de que cada cultura, grupo ou sociedade produz maneiras diversificadas de compreender, sentir e utilizar o corpo (Mauss, 2003:401).

Na medida em que individualidade, personalidade e corpo configuram a pessoa, o desenvolvimento de pesquisas no e com o ser humano sempre deve ser objeto de reflexões, tendo em vista o posicionamento ético. Não se trata

somente de uma questão de respeito àquele ser singular, mas de alguém que não existe fora da cultura em que está inserido. A pessoa – e, obrigatoriamente, seu corpo, uma vez que estes termos estão intrinsecamente conectados – expressa e veicula os valores de seu grupo e sociedade. O homem não é produto da biologia, ele produz as qualidades do corpo, na interação com outros e na imersão no campo simbólico (Mauss, 2003: 403; Le Breton, 2011: 18). A corporeidade – o modo como a pessoa percebe sua própria condição corporal (Csordas, 2008: 102) – é socialmente construída. Nesse sentido, a dimensão fisiológica está sempre subordinada à simbólica cultural.

Desde pequena, a criança aprende quais são as posturas e os comportamentos tidos como adequados na vida em sociedade. Os pais e educadores são responsáveis pela tarefa de transmitir valores e práticas, como o modo de sentar, comer, os tabus a serem observados, o que deve ser ou não agradável, o que pode ser motivo de riso, elogios ou censura. Portanto, o corpo é o primeiro e mais natural meio técnico e instrumento humano (Mauss, 2003: 497). Desse modo, tanto o corpo é moldado pela cultura quanto ele é um porta-voz e expressão dos valores vigentes em cada contexto. O conceito de *habitus* é de utilidade para refletir sobre este processo de incorporação de modelos sociais. Há aqui um duplo movimento de “interiorização da exterioridade, e a exteriorização da interioridade” (Bourdieu, 1983: 47; Wacquant, 2007). O *habitus* atua como categoria analítica de mediação, propiciando uma ruptura da dualidade existente entre indivíduo e sociedade, que vigora no senso comum.

Para abordar a condição corporal não basta apenas observar comportamentos. A experiência física do corpo só pode ser entendida por meio de determinadas categorias sociais (Cunha, 2012: 528). A partir desta perspectiva, o corpo apresenta-se como significador, transmissor e receptor de informações sociais e culturais. Nesse sentido, reflete posições e valores morais, que são objeto de mudanças ao longo do tempo, em distintos contextos.

No que concerne à transmissão cultural, Lopes da Silva; Macedo e Lopes da Silva (2002: 41) observam que “podemos compreender, então, que a identidade e a subjetividade infantis constroem-se por meio de processos que se realizam em seus corpos”. O conhecimento racional parte de categorias e pressupostos universais. A noção de corporeidade, por seu lado, permite-nos estar no instante, na relação singular dos corpos em cada momento, e isso possibilita um pensamento mais livre para a criação, um pensamento para o futuro, e não preso desde o início ao passado (Kastrup, 2007).

O que fazemos e pensamos, que chamamos de cultura, não é algo feito *sobre* ou *a parte* da natureza e dos corpos, mas algo que fazemos *entre* e *com* os corpos, a noção de malha de Tim Ingold (2011).

Não se trata de um objeto fechado, independente, estabelecido contra outros objetos aos quais possa, então, ser justaposto ou reunido. Trata-se, antes, de um feixe ou tecido de fios, firmemente reunidos aqui, mas que arrasta pontas soltas ali, que se emaranham com

outros fios de outros feixes...toda planta é, também, um tecido vivo de linhas. E assim, de fato, eu o sou (Ingold, 2011:148).

Esta perspectiva analítica trata o corpo como espaço de existência, de política e de conhecimento. Ao nos “encorporarmos” também fazemos o importante movimento político de correspondência (Ingold, 2013) com o corpo da Terra, o corpo comunitário, e com os outros corpos vivos e não vivos. Um trabalho ecológico como refere Felix Guatarri (2002). Assim, esta proposta visa analisar a aprendizagem, em sentido amplo, por meio do corpo, do movimento e da interação, assim, as fronteiras entre teoria e prática não são identificáveis. Pode-se a partir disto pensar em uma teoria praticada no corpo, ou como prefere chamar Rufino e Simas (2018) um “saber praticado”.

A prática de pesquisa acadêmica produz sujeitos e objetos. Essa é sua eficácia. Transformamos rituais, coisas, comunidades, pessoas, animais e florestas em objetos, para assim tirar delas sua subjetividade, ou seja, seu poder. É importante então atentarmos para se estamos, em nossas pesquisas e práticas nas escolas, repetindo a relação pautada na objetificação do outro. Pois essa é a forma da sujeição ocidental moderna (Latour, 2009). Transformar o outro em objeto. O pensamento-representação pressupõe a separação entre sujeito e objeto. Temos sempre um sujeito se debruçando sobre um objeto, ou um significante sobre o significado. Esta pesquisa pretende pensar e experienciar formas de pensar-com, aprender-com, escrever-com. Interessante então destacar que a objetificação do mundo e do outro será foco de nossa atenção durante o projeto. Um projeto que terá como pressuposto a reflexão sobre as próprias práticas.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada será a observação participante, visando relacionar as atividades desenvolvidas pelos grupos às temáticas sociais, marcadamente aquelas associadas à construção do corpo e da corporeidade. A realização de oficinas (expressão corporal, artes e brincadeiras) possibilitará a observação e discussão interativa com os participantes. Vale referir que o desenvolvimento da pesquisa e, conseqüentemente, as informações obtidas, dependem da interação entre o pesquisador e os pesquisados. A abordagem, como já mencionado, considera a relação pesquisador/pesquisado como relação sujeito/sujeito. A observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado, neste sentido, trata-se de um processo reflexivo constante, no qual a autoanálise é parte necessária no desenvolvimento da pesquisa. A definição dos locais e atividades a serem realizadas será delineada conforme o cronograma.

## **Objetivo geral:**

Investigar-criar-experimentar possibilidades metodológicas para uma antropologia que reinsira o corpo como lugar de conhecimento e aprendizagem.



## Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. ORTIZ, Renato (Org.). São Paulo: Ática, n.39, 1983.

CARRARA, Sérgio. Introdução (Direito e saúde). In LIMA, Antonio Carlos Souza. Antropologia e Direito. Temas antropológicos para estudos jurídicos. Rio de Janeiro/Brasília: Contracapa/LACED/ABA, 2012, p. 520-525.

CSORDAS, Thomas. Corpo/Significado/Cura. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

GUATTARI, F. As três ecologias. Campinas, Papyrus, 2002.

INGOLD, T. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, Vozes, 2011.

KASTRUP, V. A invenção de si e do mundo. Belo Horizonte, Autentica, 2007.

LATOUR, B. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro, Ed. 34, 2009.

LE BRETON, David. A sociologia do corpo. Petrópolis: Vozes, 2011. MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naif, 2003, p. 399-422.

LOPES DA SILVA, Aracy; NUNES, Ângela; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva (Org.). Crianças indígenas: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.

RUFINO, L. SIMAS, L. Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro, Morula, 2018.

WACQUANT, Loïs. Notas para esclarecer a noção de habitus. RBSE 6 (16): 5-11, abril 2007.